

REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO

VOL. XXXV

1937 - 1938

DIRETOR RESPONSÁVEL

LICENCIADO PELO D. I. P.

MÁRIO MELO



Os heroicos feitos dos antigos
Tende vivos e impressos na memória
Ali vereis esforços nos perigos,
Ali ordem na paz digna de glória.

PROSOPOPEIA — BENTO TEIXEIRA

BRASIL - PERNAMBUCO

1941

Um "Machado de Ancora" de argila, dos Tapuias Pernambucanos

Quando era Manuel Borba governador de Pernambuco, uma ocasião encontrei em seu gabinete, que quasi diariamente frequentava, um lindo itajá ou machado de pedra.

Namorei-o. Era exemplar diferente dos comuns.

Explicou-me que fôra encontrado num engenho de Santo Antão da Vitória e oferecido ao dr. José de Barros, que lho presenteara. Como o almirante Aristides Mascarenhas, então de passagem, mostrara grande desejo de possuí-lo, ia destiná-lo áquele amigo.

Repliquei que se tratava duma peça original, com a circunstância do conhecimento da procedência e que não deveria sair de Pernambuco. Seu destino só poderia ser o Instituto Arqueológico.

Obtive, assim a relíquia arqueológica para o nosso Instituto.

Tratava-se dum exemplar diferente dos outros, quer pelo tamanho — bastante maior que os comuns — quer pela forma de âncora ou de meia-lua, quer pela natureza da matéria prima, quer pelo excessivo polimento.

Foi incorporado ao nosso museu.

Anos depois, o etnografista Fritz Arckmann em exame ás nossas coleções, ficou admirado com aquele exemplar de itajá. Vivera anos entre os selvagens da Amazônia, colecionara muitos objetos indígenas e nunca se lhe deparara itajá com

aquela forma. Examinou a matéria prima e chegou á conclusão de que não era rocha sim barro cozido, donde o polimento que apresentava. Assim, não poderia ser um machado para uso comum. Talvez um distintivo de mando, espécie de bastão de marechal.

Tendo-se demorado algum tempo em Pernambuco, escreveu para o Museu Nacional e dali informaram a inexistência, nas suas coleções, de machado de argila.

Tal informação valorizou ainda mais a peça pernambucana.

São passados dezoito anos, da suspeita de Fritz Arckmann.

Verifico, pela tradução dum artigo do dr. Stig Rydén, publicado na Revista *Etnologiska Studier* de Gotenborg, que se trata realmente dum machado simbolo, classificado por Hermann von Ihering como machado de âncora "por lembrarem tais instrumentos de pedra, pela sua forma, uma âncora".

Segundo Stig Rydén que possui grande coleção de machados de pedra collidos no Brasil, o machado de âncora era usado como arma e como objeto cerimonial, empregando-se para o trabalho outros machados mais simples.

Refere que Pohl adquiriu um machado de âncora dos Paracamaerã do Maranhão com muita dificuldade, porque era insignia da dignidade do capitão da tribu, conduzido ao ombro pendente de cordas de algodão coradas de vermelho, e destinado a rachar as cabeças dos inimigos aprisionados. Cita que Spix e Von Martius fazem referências ao machado de cabo curto que usavam os chefes gês do nordeste como emblema de dignidade, e que Kissenberth relata a existência, em tempos antigos, de machados em forma de meia-lua, usados pelos paies ao ombro, pendentes de fios de algodão, como distintivo.

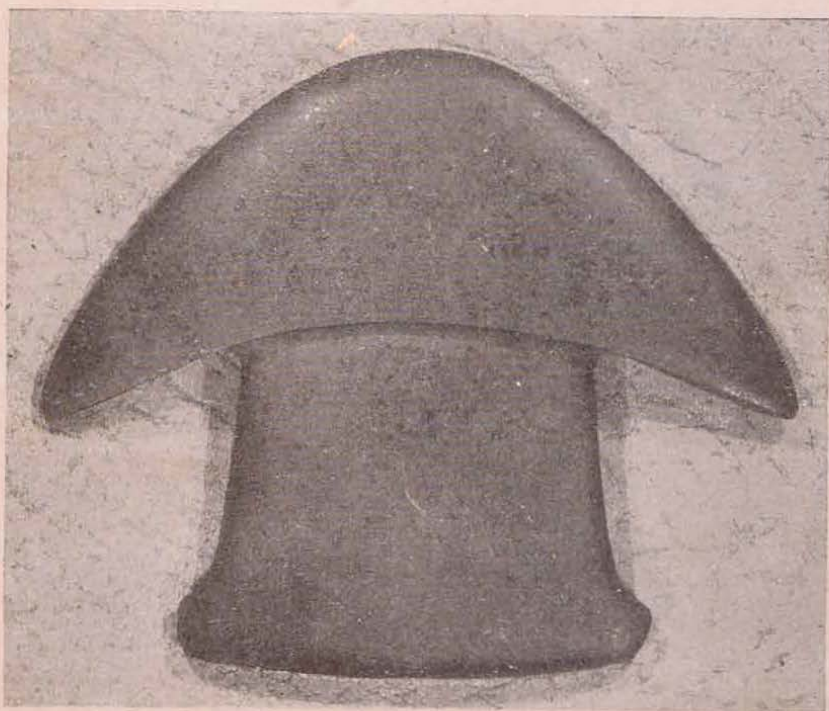
Todos os machados de âncora tem sido encontrados exclusivamente na região habitada pelos gês, donde a conclusão geral de que era um elemento cultural desses brasileiros.

Por ela, podemos tirar outras relativamente ao nosso caso:

a) a região que constitui o município da Vitória e onde se travou o célebre combate do monte das Tabocas, distante mais ou menos trinta quilômetros da costa, era habitada pelos gês, moderna denominação dos tapuios;

b) Com o estudo do dr. Stig Rydén aumenta o valor de nosso machado de âncora, que é o único exemplar conhecido em Pernambuco pela sua forma, e talvez único no Brasil pela sua natureza, se realmente de barro cozido como o classificou Fritz Arckmann, opinião agora reforçada com a do professor José Otavio de Barros, confrade do Instituto. Segundo este, que o examinou, a matéria prima é argila, colocando assim nosso machado de âncora como único da espécie até hoje conhecido.

Mário Melo



Machado em forma de âncora, de tapuia pernambucano.
Encontrado no Município da Vitória